

Entrevista/ Sting

Um roqueiro na mata virgem

Ricardo Lessa

— Quando você passou a se interessar por problemas do meio ambiente?
— Não há nenhuma outra questão que preocupe tanto o mundo hoje. Dia a dia os problemas se tornam mais críticos. Eu estou numa boa posição: sou bem conhecido e pensei em usar esse poder para coisas que eu acredito. E acredito na sobrevivência de belas partes desse planeta. Acho que o Brasil é a linha de frente onde as iniciativas ecológicas estão sendo tomadas. Eu quero lutar nessa frente e me colocar a serviço dessas iniciativas.

— Houve algum fato que tocou você especialmente?
— Não. Não houve nenhuma estrada de Damasco. É preciso ser muito estúpido e cego para não perceber estamos em apuros, ecologicamente o mundo está com problemas. Eu não pude ir à praia na Europa este ano porque a praia estava cheia de sujeira, de lixo hospitalar. Isso é um sinal claro.

— No local onde você se criou, você não tinha muito contacto com a natureza, não é?
— A cidade de onde eu vim não tinha um ambiente muito agradável. Ruas, cinzentas, céu cinza, essas coisas. Tive o meu primeiro contato com uma árvore aos 16 anos.

— E com uma floresta?
— Em termos de floresta amazônica, que é tão vasta, tão maravilhosa, eu não conhecia nada. Só neste últimos dois anos que fui visitar o Xingu. Na Inglaterra não existe nada semelhante.

— Você gostou da floresta?
— Bem, a floresta é um lugar para você respeitar e ter precauções, não exatamente para se gostar. É dura a vida na floresta. Eu tive mais de 600 mordidas em cada perna e braço. Não é fácil. Depois de uma semana, eu estava louco por um pouco de conforto e uma bebida gelada, um bom chuveiro.

— Qual a razão, então, de sua luta para preservar as florestas?
— Quando a gente viaja, a gente percebe como as coisas estão conectadas. A crise das florestas tropicais pode provocar desequilíbrios, e estar ligada a um furacão no Caribe, ou ter relação com algum problema em outro lugar, como terremotos, secas, escassez de alimentos. Há algo errado, e a Terra está dizendo isso claramente. Ela está nos enviando advertências claras e temos que fazer algo. Eu estou vendo e ouvindo essas advertências e gostaria que, cada vez mais, as pessoas percebam esses avisos.

— Mas você não acha um pouco injusto culpar os brasileiros pela destruição, enquanto americanos e europeus destruíram tudo o que podiam e o que não podiam?
— Eu acho que é injusto. Acho que é errado culpar as pessoas pobres que, por razões econômicas, vão buscar meios de sobreviver na floresta. Porque ninguém vai lutar pela sobrevivência na selva, ao menos que tenha boas razões para isso, é uma vida muito dura, com poucas vantagens, é um lugar muito intenso. Eu sinto muito por essas pessoas, que vivem nas margens da existência, e que, por necessidade absoluta precisam ir para as florestas. Isso está diretamente ligado à situação econômica do país e à dívida externa. O Brasil tem um superávit comercial, mas tem que pagar 7 bilhões de dólares todo ano aos bancos. Isso é um absurdo, não há meios de uma economia se tornar saudável tendo que pagar tanto.

— Cabe aos países desenvolvidos então mudar sua atitude em relação ao Brasil?
— Na verdade, é o mundo que está em dívida com o Brasil, não o contrário. Os EUA e a Europa produzem mais dólar e o Brasil mais ar. É uma questão de valorizar as coisas. Eu, pessoalmente, valorizo ativamente o ar puro. Acho que nossa Fundação será útil para influenciar a opinião pública dos EUA e da Europa para que a cobrança dessa dívida seja relaxada. Vamos tentar mostrar que os bancos estão escravizando o Brasil, de maneira pior do que Portugal fez.

— Você discutiu esse assunto com o presidente Sarney?
— Ele concorda que a cobrança da dívida externa tem que ser relaxada. Nós fomos bastante claros quanto aos nossos objetivos. Ele se mostrou receptivo e senti que ele quer nos ajudar. Eu acho que, como todo mundo, ele está sentindo que algo tem que ser feito. Acho que qualquer pessoa em sã consciência quer fazer algo para salvar as florestas tropicais. Não estou aqui para atacar ou defender o governo, que foi eleito. Nós somos convidados aqui e precisamos da permissão e da bênção do governo para investirmos em qualquer iniciativa.

— Você está tendo uma atitude diplomática...
— Não. Poderia parecer até muito nobre, muito bem, vir aqui e fazer afirmações e tomar posições polêmicas contra o governo, coisa que não me sinto habilitado a fazer. Mas isso não nos levaria muito longe. O presidente tem um ponto de vista global, ele se preocupa com todo o Brasil; é um ponto de vista que tem que ser respeitado. Ele precisa balancear a economia com a ecologia, e isso não é uma tarefa das mais fáceis.

— Ele não se preocupou com a questão da internacionalização da Amazônia, na conversa com vocês?
— Veja bem. Nós não podemos comprar a Amazônia. Não estamos aqui para contrariar os interesses dos brasileiros. Nós temos uma Fundação — estamos aqui para trazer fundos — esperamos — para realizar uma iniciativa brasileira.

O inglês Gordon Matthew Sumner, nascido, há 37 anos na cinzenta cidade de New Castle, a 300 quilômetros de Londres, não tinha muitas razões para amar a natureza. Seu contato mais intenso com ela ocorreu, na adolescência, quando levou uma picada de abelha, o que lhe deu o apelido Sting (picada, em inglês). Arvore, ele diz ter visto a primeira aos 16 anos. Professor de literatura inglesa, música e futebol, nas escolas secundárias na cidade mineira de Cramlington, a ecologia também não fazia parte de suas preocupações. Foi preciso muito empenho no filme Jean Pierre Dutilleul, diretor do filme Raoni, que vive no Brasil desde o final da década de 60, para interessar Sting pelo tema. Primeiro, Dutilleul tentou envolver o ator Marlon

Brando na questão dos índios brasileiros. Só conseguiu que ele narrasse seu filme. Quando Brando se exilou nos mares do sul, o belga passou a procurar outro porta-voz ecológico. Em 1985, Dutilleul foi ao encontro de Sting nas Ilhas Monserrat, nas Caraíbas, onde gravava Dreams of Blue Turtle. O cantor se recusou a abraçar mais uma causa, pois já emprestava seu prestígio aos movimentos pelos direitos humanos, contra a fome na África, contra o racismo e outros mais. Mas, em 1987, quando Sting visitou o Brasil, Dutilleul levou-o ao cacique Raoni. Ai começou o combate desse inglês tranquilo e familiar, que tinha cinco razões paraseu engajamento: os índios e seus quatro filhos, de doze, seis, quatro e dois anos.

— Meu primeiro filho foi um choque. Eu tinha 23 anos, era muito jovem, não pensava em muita coisa, só queria saber de música, garotas, experiência excitantes, "viver rápido e morrer jovem", era a filosofia da época. Não se pensa muito no futuro, você sabe. Agora estou com 37, não sou mais tão jovem. Eu acho que meus filhos merecem viver num mundo seguro; merecem viver num mundo que seja mais feliz; onde eles possam respirar um ar que não esteja contaminado; fazer amor sem perigo de doenças. Então a gente acaba se tornando mais comprometido com o objetivo de tornar esse mundo melhor. Porque a gente conhece os problemas e não quer que eles ainda se tornem mais graves. E penso que meus filhos merecem a oportunidade de viver uma vida boa. Eu tenho vivido uma vida fantástica, bem sucedida, maravilhosa, gostaria que meus filhos tivessem a mesma oportunidade que eu tive. Eles não vão poder ter essa oportunidade se a ecologia for destruída.

— Como essa sua experiência de passar algum tempo com os índios do Xingu modificou sua vida?
— Foi pouco tempo. Uma semana em 87 e esta última semana. Eu não sei se conseguiria passar muito tempo mais que isso, mas foi uma experiência que alargou meus horizontes, me mostrou uma outra filosofia de vida, que deve ser considerada. Uma filosofia que não acredita em crescimento econômico ou desenvolvimento científico. É uma sociedade muito conservadora. Eles permanecem como têm sido por séculos. Não se sente o progresso, eles vivem em parceria com a floresta, por isso não destroem a floresta. Foi para mim uma experiência incrível, um choque cultural que mudou meu modo de pensar.

— Você acha que vai modificar também sua música?
— É difícil dizer. O processo criativo é muito inconsciente e gestado a longo prazo. Eu procuro metáforas para cantar, e é difícil exemplificar como isso se transforma em música, então não sei se isso vai acontecer.

— Como foi o encontro de Altamira, onde os índios protestaram contra a construção da barragem no Rio Xingu?
— O encontro em Altamira foi uma surpresa para mim. Eu estava com Raoni, na aldeia dele, lá no meio do mato, quando Raoni me disse que tinha que ir a Altamira, porque tinha um protesto contra a represa no Xingu. Eu não sabia dessa história da represa. Foi lá para ver, para mostrar minha solidariedade com Raoni. Mas não posso falar nada sobre a construção de represas porque não estou preparado sobre esse assunto. É alguma coisa que tenho que pensar. Acho que as autoridades deveriam pensar se não haveria outras alternativas para produzir energia, que não causem danos ao meio ambiente. Parece que lá no Xingu eles querem construir o maior lago feito pelo homem no mundo sobre a floresta que os índios precisam, que o Brasil precisa, que o mundo precisa. Gostaria de saber se não há outros projetos menos prejudiciais ao meio ambiente, outras formas de gerar eletricidade, como energia solar, energia dos ventos, que substitua as represas. Nesse caso acho que smallest is better (o menor é o melhor).

— Chegaram a falar que você teria sido expulso de lá, por divergências entre Raoni e Paican, o chefe caiapó que organizou o encontro, é verdade?
— Não aconteceu nada disso. Não estava na minha programação ir ao encontro, a princípio, e não fiquei lá, apenas fui mostrar minha solidariedade e depois fui embora.

— Por que, em vez de fazer campanha contra as barragens brasileiras, não promover, por exemplo, o plantio de florestas na Europa e nos EUA também?
— Um dos objetivos da nossa campanha é também modificar a opinião pública na Europa e EUA sobre como tratar a terra. Nossa Fundação vai propor, por exemplo, que cada chinês plante uma árvore. Porque a superpopulação destruiu a ecologia, transformou suas florestas em desertos. Nós vamos trazer sementes do Japão e estimular o plantio de árvores na China. Na Europa nós não temos muito espaço. Mas seria uma boa idéia se cada pessoa plantasse uma árvore.

— Quais os objetivos da Fundação Mata Virgem?
— O principal deles é a ampliação do Parque do Xingu, de 2 milhões de hectares, atuais para 12 milhões de hectares (120 mil km²), juntando as três grandes nações caiapó. Mas o objetivo mais geral é a defesa da floresta úmida.

— Você não acha que isso é muito grande. Isso significa três vezes o estado do Rio de Janeiro, quase a metade da Inglaterra, para mil ou dois mil índios?
— Eu acho que a floresta é um recurso não só para os índios, mas para o Brasil e para o mundo. Pode-se usar a floresta para muitos fins, há muitos produtos que sequer foram estudados, plantas que não são conhecidas cientificamente, e que nunca serão se a floresta for destruída. Há uma teoria científica, largamente aceita atualmente, que a floresta amazônica não consegue sobreviver a não ser em grandes extensões. Se ela for reduzida, morre. O Brasil é um país grande, pode-se encontrar outras áreas para agricultura ou pecuária.

Os ricos Os Estados Unidos e a Europa produzem mais dólares, o Brasil produz mais ar. O mundo está em dívida com o Brasil.

O presidente Ele precisa balancear a economia com a ecologia. Não é uma tarefa das mais fáceis. Ele se preocupa com todo o Brasil.

Os filhos Eu tenho tido uma vida fantástica. Meus filhos não terão essa possibilidade se a ecologia for destruída.

A floresta É um lugar para você respeitar e ter precauções, não exatamente para se gostar. É dura a vida lá.

A luta A Terra está nos advertindo de que temos que fazer algo. Eu estou vendo e ouvindo essas advertências.

Os brasileiros Acho injusto culpar os pobres que, por razões econômicas, buscam meios de sobrevivência na selva.



A idéia desse projeto, dessa Fundação veio do Brasil e de brasileiros. Veio de Raoni e dos caiapós.

— A propósito, como você consegue se comunicar com Raoni?
— Ele fala basicamente português e Jean Pierre serve de intérprete. Eu falo, agora, um pouco de caiapó, como obrigado, bom dia, o mesmo que sei falar em português. Falamos também por gestos e acho que ele agora confia em mim, porque trabalhamos um pouco juntos.

— Alguns críticos estão acusando você de querer usar a imagem do índio para promover sua própria imagem, como você responde a isso?
— Não sei que tipo de vantagem eu posso ter. Eu poderia estar muito bem num estúdio, ganhando mais dinheiro. Eu esperava este tipo de críticas de pessoas à cata de motivos escusos. Mas eu acho difícil descobrir que motivos seriam estes. Eu não estou vendendo nada, não tenho nenhuma marca em minhas roupas, não tenho nenhum disco para ser vendido. Eu não estou precisando de publicidade. Eu sou a última pessoa que está precisando de mais publicidade, eu já tenho publicidade demais. A melhor coisa para minha carreira agora, era sentar em casa, e não fazer nada. O fato é que eu quero ajudar os índios e lutar pela preservação da floresta. Quero usar minha posição para ajudar Raoni.

— Mas a imagem de Raoni, vestindo uma suéter com a marca Reebok foi veiculada em todo mundo, naquele

show da Anistia Internacional, em São Paulo.

— Aquilo foi um acidente. As pessoas podem acreditar ou não, não me importo. O fato é que Raoni já tinha estado no palco e, no final, chamei-o de novo. Alguém lhe emprestou uma suéter com a marca da Reebok. Eu achei engraçado, mas isso foi interpretado negativamente, como se a Reebok tivesse usando a imagem de Raoni. Mas foi um acidente, não houve nenhuma intenção de fazer aquilo, essa é a verdade.

— Alguns críticos também comparam essa sua turnê com Raoni com aquelas exposições que os reis franceses gostavam de fazer com os tupinambás, no século 16. Depois os índios morriam de frio. O que você acha disso?
— Nós não estamos tomando nenhuma atitude paternalista. Estamos levando um adulto e a turnê será na primavera (começará em abril na França, irá até o Japão e vai durar seis semanas), então não será tão frio assim. Raoni é um dos principais recursos brasileiros e quero trazê-lo de volta seguro e com saúde. Depois acho que a presença de Raoni é importante, porque ele tem muito carisma e sabe galvanizar a opinião pública. Acho que as pessoas vão se interessar muito pelo que ele disser e vão apoiar nosso projeto.

— Você disse em outra entrevista que, quando sua mulher teve o primeiro filho, você começou a se preocupar mais com o meio ambiente, é verdade?